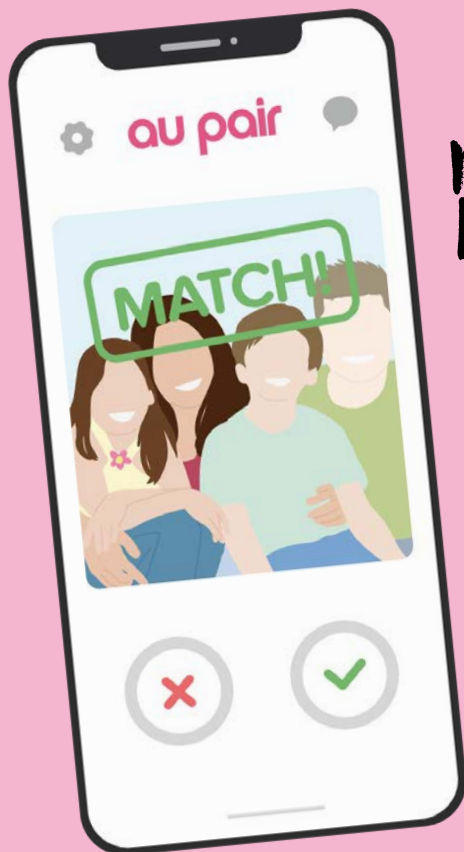


NANNY



Match & Rematch

Conheça a história da alemã **Levke Larsen**, que teve que passar por dois rematches e três famílias

R\$ 10,00



EXISTE AMOR NO AU PAIR

Ana Carolina se casou em duas cerimônias: uma no Brasil e outra nos EUA

HÁ PERIGO NA ESQUINA

Veja o relato da ex-au pair que caiu numa cilada e saiba como evitar as famílias perigo



De: *au pair* Para: *au pair*

O Au Pair já existe há anos e anos. Desde que sua mãe era jovem, ela já poderia ter optado por ser uma babá no exterior.

A troca do serviço de babá por uma moradia no exterior (sem contar as outras exigências e remunerações) parece fácil, mas nada te prepara para tudo o que você vai viver ou sentir.

Deixar tudo o que você conhece para trás, embarcar em um mundo novo e viver sob as regras e culturas de um outro país pode até parecer um pouco assustador, mas não é nenhum bicho de sete cabeças.

Pensando nisso, a revista **Nanny** foi criada com um simples objetivo: te ajudar neste processo, na preparação e durante o seu ano de intercâmbio como au pair. Uma revista feita por uma au pair para outra.

Antes de embarcar nos Estados Unidos, muitas coisas passam na nossa mente e uma das principais é: o que levar na mala de viagem. Pensando nisso, confira dicas para como preparar sua mala para não ter excessos ou faltas de roupas.

Ainda, conheça história de Levke Larsen, uma jovem alemã que deu match e rematch algumas vezes e sobreviveu para contar a história. Talvez sua experiência possa ajudar

a compreender o que esperar das famílias e te ajudar a sair de uma cilada.

A matéria da au pair brasileira que se casou com um americano mostra que histórias de amor podem surgir do nada, e mudar sua vida por completo.

Ou ainda, entenda como trocar o seu visto (ou status) de trabalho (J-1) pelo de estudante (F-1), para permanecer nos EUA legalmente.

Todas as matérias foram desenvolvidas baseadas no pensamento das mulheres que partiram para esta aventura, e até de coisas que queriam ter sabido quando embarcaram no voo São Paulo-Nova York.

Espero que você goste!

Lianna Antunes :)



Ao entrar “no mundo” do au pair é fácil perceber a mistura constante das palavras e expressões em português e inglês. O importante é que, de uma forma ou de outra, todo mundo entende.

Confira algumas palavras com as quais toda au pair se depara durante o programa:

★ **Host family:** começando do básico, a host family é a família anfitriã que a receberá em sua casa. Então, todas as famílias que fazem parte do au pair são chamadas desta forma.

★ **Host dad / Hosto:** assim são chamados os pais das crianças do programa. O nome oficial é host dad, mas com a devida licença poética do brasileiro, hosto também está liberado ao conversar com as amigas.

★ **Host mom / Hosta:** seguindo a mesma ideia, assim são chamadas as mães anfitriãs da casa.

★ **Kid(s):** como são chamadas as crianças da casa. Ainda há quem os chame de

hostinho/a, mas kid é o termo mais comum.

★ **Match:** quando a au pair e a família decidem que são uma boa combinação acontece o match.

★ **Rematch:** por motivos diversos, é comum meninas procurarem outras famílias para morar e trabalhar e este processo é chamado de rematch.

★ **Schedule:** toda semana de trabalho (ou o que for acordado com a host family), a au pair recebe o cronograma. Este cronograma é, muitas vezes, mutável e varia de acordo com as necessidades de cada casa.

★ **LCC:** é o acrônimo que significa *Local Community Counselor* (Conselheira da Comunidade Local, em tradução livre). A conselheira trabalha como uma conexão entre as au pairs, a agência e as famílias. Elas garantem a segurança e bem estar da família e da au pair, resolvem situações do cotidiano, e também promovem reuniões com as meninas

da mesma região para que criem laços entre elas.

★ **Cluster:** au pairs de uma mesma empresa (seja qual for a escolhida) e moram próximas em uma região fazem parte de um grupo assim denominado. Cada cluster é coordenada por uma LCC.

★ **Off:** assim é denominado o período em que a au pair está de folga.

★ **Curfew:** algumas famílias possuem regras mais estritas que incluem um “toque de recolher”. Seja para o carro ou para a au pair, o curfew seria o horário máximo que ela precisa estar de volta em casa.



EXPEDIENTE

Redação: Lianna Antunes

Fotografia: Divulgação e arquivo pessoal de Ana Carolina Teixeira Jester, Ramon Felix, Levke Larsen e Viviane Miranda

Ilustrações: Luiza Wolff

Diagramação: Ludmila B. Vilaverde

Colaboradores: Marta Pinho e Ludmila Vilaverde

Esta revista é o Trabalho de Conclusão da aluna Lianna Antunes Gonçalves, do Curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, orientada pelo Prof. Dr. José Alves Trigo.

Revista Nanny © 2019



p. 16 - Capa: E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE

Conheça a história de Ana Carolina Jester, que conheceu seu grande amor durante o programa de Au Pair nos EUA

p. 9 FAZENDO AS MALAS

Infelizmente, não cabe nossa casa inteira na mala. Veja como se preparar para que não falte e nem sobre nada.

p. 10 RAMON FELIX

Apesar de raros, os male au pairs existem, e um deles aceitou ceder entrevista à *Nanny* para explicar como está sendo sua experiência dos Estados Unidos.

p. 12 PÉ NA ESTRADA

Aproveite o tempo off no seu schedule e explore os pontos mais famosos e bacanas de New York!

p. 14 COMEMORANDO

O país tem muitas datas comemorativas que se tornam grandes festas. Veja 8 datas para curtir como uma americana.

p. 22 FAMÍLIA PERIGO

Confira o depoimento da au pair que teve que desistir do programa depois de dar match com uma cilada.





p. 26 VIREI ESTUDANTE NOS EUA

Depois do programa, muitas jovens decidem permanecer no país para estudar. Veja quais são os requisitos e como funciona a troca de status e visto do J-1 pelo F-1.

p. 36 CUIDE DE SI MESMA

Ser uma au pair pode parecer tudo de bom, mas é preciso sempre estar atenta à sua saúde mental. Conheça a história da ex-au pair Viviane e entenda por que cuidar de si é fundamental.

p. 31 SAIA DA ROTINA

Já tentou todos os brinquedos em casa e não tem mais ideias do que fazer com o bebê? Confira algumas sugestões para divertir o hostinho.

p. 10 CRÔNICA

A vida nos EUA é uma aventura por si só, e todos os dias acontece algo de que vamos nos lembrar para sempre, como na vez que minha família achou que tinha um ladrão em casa. Confira a história.

p. 28 CAPA

Levke Larsen teve algumas experiências boas e ruins. Depois de passar por três famílias diferentes, em dois rematches, ela voltou à Alemanha muito diferente de quando saiu. Conheça sua história.

SERVIÇO

Empresas de intercâmbio como a CI, STB e Experimento podem servir como ponte entre você e o Au Pair. Mas também é possível aplicar para o programa por conta própria. Confira as agências que oferecem o serviço no Brasil:

Cultural Care

culturalcare.com.br

Au Pair Care

www.aupaircare.com

Au Pair in America

aupairinamerica.com

Great Au Pair

greataupair.com

AuPair.Com

aupair.com

Au Pair International

aupairint.com





O que levar na minha mala?

Os EUA são a terra do consumo e das compras, graças ao valor do dólar. Só que, uma coisa aqui e outra ali na estadia de pelo menos 1 ano no país já causa falta de espaço no seu armário, malas com sobrepeço e cobrança de taxas elevadas para o transporte delas de volta ao Brasil.

Antes de chegar em território americano, a vontade é de levar o quarto inteiro, já que passar um ano morando fora de casa faz com que a gente pense que vai precisar de tudo. Mas depois de alguns meses na casa da host family o pensamento vira: "por que eu trouxe isso?"

Veja o que levar para não sobrar e nem faltar nada durante o ano:

Estude o local

Depois de realizar o match com a futura host family, é muito importante estudar a região. Os EUA são o 4º maior país do mundo e têm os mais diversos climas em seu território. Enquanto em algumas áreas o

inverno tem nevascas e temperaturas abaixo de zero, nos estados mais próximos ao equador o frio é parecido com o inverno do sul do Brasil.

Menos é mais

O ideal é levar só uma mala de 23kg, uma *carry on* e uma mochila com itens pessoais. Tirando meias, calcinhas e sutiãs, o básico, sem o estuado da região, é:

2 calças leggings
 2 calças jeans
 1 calça de moletom
 2 camisas regatas
 4 de manga curta
 2 de manga comprida
 1 casaco moletom
 1 casaco mais quentinho

Também não exagere nos sapatos, e lembre-se de levar suas havaianas.

(ARQUIVO PESSOAL / RAMON FELIX)



Aos 23 anos, Ramon Felix decidiu trancar seu curso de administração, deixar o emprego como funcionário público do IBGE em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, e partir para o desconhecido. Mais especificamente para Wilton, em Connecticut, EUA. “Eu estava me sentindo muito infeliz lá (no Brasil)”, explica Ramon. “Me sentia muito preso, limitado e precisava de algo novo”, completa.

A ideia de investir em um intercâmbio surgiu graças a festa de despedida de uma amiga de escola, em abril de 2018. “Perguntei o que ela ia fazer, ela me disse que ia ser au pair e eu nunca tinha ouvido falar daquilo”, relembra ele. E foi amor à primeira vista. Além do baixo custo do programa em relação a outros tipos de intercâmbio, um dos fatores que

mais chamou sua atenção foi a proposta de estabilidade no exterior sem recorrer a empregos ilegais.

Já com a ideia em mente, Ramon começou a pesquisa sobre o programa. “Foi difícil encontrar uma agência que aceitasse homens. Só encontrei a Cultural Care e uma outra menor, mas o fluxo de famílias nem se comparava”, conta ele.

As exigências para male au pairs também não são as mesmas que as das mulheres, pois além dos requisitos básicos, também é preciso:

- mais experiência com crianças (ao menos mil horas, ao invés de 200)
- carteira de motorista definitiva (não basta a provisória)
- inglês de nível avançado (para as mulheres, o intermediário já é suficiente).

PRAZER, RAMON FELIX

O contato com as famílias

Depois de completar os requisitos da agência e preencher toda a papelada, chegou a hora das entrevistas com as famílias - o que também não foi um problema para Ramon: "todo mundo me disse que meu fluxo foi muito bom, porque em menos de uma semana eu tive 12 famílias entrando em contato". A razão para isso pode ser explicada por seu bom relacionamento com o esporte, como ele diz "acho que eles querem uma pessoa ativa para as crianças".

Apesar do fluxo intenso de famílias em seu perfil, Ramon notou que existe um padrão para as famílias que optaram por um male au pair e não uma mulher. "A maioria das famílias tinham meninos, normalmente de 5 a 13 anos", explica ele após analisar as famílias antes do match. Porém, a família de seu match era composta por Daisy, uma menina de 2 anos, e Dylan, de 5.

O machismo e o male au pair

Viver e trabalhar no mesmo ambiente não é uma tarefa fácil e pode ser cansativa. Muitas vezes, ao decidir estender o programa no país, os jovens buscam quebrar esta rotina e encontrar outras famílias, mas Ramon decidiu permanecer na mes-

ma "muito por causa da liberdade que tenho aqui, mas 60% por causa da Daisy, que é meu 'carrapato'. Para mim, é como se ela fosse minha filha".

Geralmente, esta proximidade entre homem e criança é vista com certo estranhamento e esbarra no sexismo. Existe um ideal machista de que se um homem quer cuidar de crianças, ele é homossexual.

F O I
DIFÍCIL ENCONTRAR
UMA AGÊNCIA QUE ACEITASSE
HOMENS. SÓ ACHEI A CULTURAL
CARE E UMA OUTRA MENOR, MAS
O FLUXO DE FAMÍLIAS NEM
SE COMPARAVA

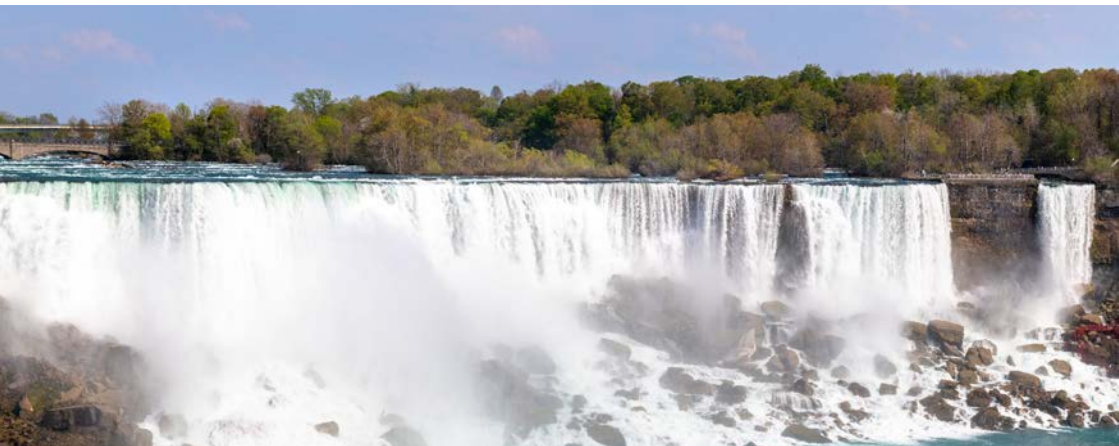
"Se você tomar conta de crianças mais velhas (entre 8 e 15 anos) você é basicamente o motorista, mas se tem que trocar uma fralda ou fazer uma comida, já acham que você é gay", conta ele.

Ramon não se incomoda com os comentários e não consegue compreender a relação, mas fica feliz que esse seja seu maior obstáculo. "Como tomo conta de uma menina pequena, as pessoas poderiam pensar coisas horríveis, como se eu abusasse dela", explica ele, e esta ideia logo desapareceu.

"A gente tem que entender que são culturas diferentes, porque nos Estados Unidos é comum ter babá em casa sempre, já no Brasil as crianças vão cedo para a creche", finaliza ele sobre as questões existir male au pair nos EUA, e sobre a profissão ser vista diferentemente no Brasil.

EXPLORE NEW YORK

Está com tempo livre e dinheiro na conta? Saia de casa e curta uma viagem!



(GETTY IMAGES)

Uma das vantagens de ser au pair nos EUA é a possibilidade de viajar pelo país por preços mais acessíveis do que voos vindos do Brasil. Seja por um fim de semana ou durante seu período de férias, de carro, ônibus ou avião, alguns destinos são irresistíveis.

Niagara Falls (NY)

As mundialmente famosas cataratas estão localizadas no Rio Niágara, na fronteira do Canadá com os Estados Unidos. Você pode observar a queda d'água de longe mesmo ou, se você é do time de "quem sai na chuva é pra se molhar", pode investir em uma excursão pelo rio. Você vai precisar de uma capa de chuva, mas não vai se arrepender de deslumbrar este espetáculo natural de perto.

Como chegar

Há empresas que fecham pacotes de ônibus + excursão. Como Niagara Falls faz fronteira com o estado de Nova York, sendo Buffalo a cidade mais próxima, é possível chegar de avião e, em seguida, alugar um carro ou pegar o transporte público.

O aluguel é uma opção viável, porém é preciso estudar a rota e o tempo levado, afinal há uma distância de mais de 600 quilômetros a ser percorrida, seja de carro ou de ônibus, e os gastos têm que ser contabilizados.

Se fazer o percurso de carro for realmente a decisão final e todos os viajantes já têm o visto canadense (que pode ser tirado online, por 7 dólares canadenses), o ideal seria ir primeiro para Toronto, no Canadá, pois a distância do aeroporto até as cataratas é de menos de 2 horas.

New York City (NY)

Apesar de ser onde acontece a orientação de todas as *au pairs*, não é possível explorar New York City apenas com o tour oferecido pelas empresas. Vale a pena voltar à Big Apple para passear pela 5th Avenue, assistir algum espetáculo da Broadway ou tirar uma foto na Times Square. New York conta com atividades para todos os tipos e gostos.

A Brooklyn Bridge, que cruza o East River, é uma parada obrigatória, assim como passear pelo Central Park. O parque se estende da E 59th St. até a W 110th St. (ocupando uma área de 3,41km²) e é uma atividade para qualquer hora do dia, com muita coisa para ver.

Tem ainda o Ground Zero (assim é chamada a área onde estavam as Torres Gêmeas), Rockefeller Center e museus como o MET e o MoMa para explorar. Para conhecer a cidade na visão de um *nyorquino*, é interessante consultar o Yelp para ter dicas de lugares para comer, visitar e se divertir.

Como chegar

John F. Kennedy International Airport (JFK) e LaGuardia Airport (LGA) são os principais aeroportos para visitar a ilha de Manhattan. Também é possível chegar à cidade de carro, trem e ônibus, sendo o último usualmente o mais em conta, dependendo do ponto inicial.

É interessante ficar de olho nos aplicativos de *carona*, ou mesmo combinar com outras *au pairs*

a viagem, assim é possível dividir as despesas de um *carpool*. Porém, uma dica é não usar o carro para se deslocar em NYC, por conta do congestionamento constante, e a malha metropolitana é bem extensa.

Hospedagem

Se hospedar próximo à Times Square é uma ideia bem cara. Estude a cidade antes da visita, busque locais próximos a metrô e agende com antecedência para garantir preços mais baixos. Além de hotéis, você também pode se hospedar em *hostels* (também conhecidos como *albergues*), Airbnb ou Couchsurfing. Apesar desses tipos de acomodações serem utilizados cada vez mais, sempre cheque as avaliações do local para não ter surpresas desagradáveis.



(GETTY IMAGES)

8 datas para celebrar os EUA como uma americana

Valentine's Day - 13 de fevereiro



O dia de São Valentim, diferente do Dia dos Namorados brasileiro, é uma celebração ao amor não só de casais. Além da troca de cartões e chocolates, também dá para aproveitar o feriado curtindo as festas temáticas, como os Bar Crawls. E, para quem não está com muita pressa, os presentes típicos da data ficam em promoção nos dias seguintes #ficadica.

ST. PATRICK'S DAY

17 de março

No dia do padroeiro da Irlanda, você precisa vestir a cor verde, senão o "leprechaun (ou suas host kids) vai te beliscar". A data que traz o shamrock (trevo de três folhas) como símbolo é uma ótima desculpa para ir a algum bar e aproveitar bebidas especiais e preços mais baixos como um bom irlandês.



APRIL FOOLS

1º de abril

O dia da mentira surgiu no século XVI, por conta da mudança do calendário juliano para o calendário gregoriano - que assume o começo do ano em janeiro, e não no dia primeiro de abril, como antes. A data é perfeita para pregar peças, mandar cartões engraçados e se divertir com as crianças - e até os adultos - das famílias.



Cinco de Mayo - 5 de maio

A data é uma referência à primeira vitória dos mexicanos contra a ocupação francesa no território. Não, esta não é uma data específica da cultura americana, mas o Cinco de Mayo dos EUA é bem maior do que o do México, com desfiles, festas e festivais. É uma loucura, mas vale a pena.



Os EUA tornam qualquer evento em uma grande festa e, mesmo que você precise trabalhar durante alguns deles, dá para celebrar a cultura do país nessas 8 datas comemorativas do calendário norte-americano.



PRIDE PARADE

Junho

Os desfiles foram organizados para celebrar o público LGBTQ+ e promover aceitação social, direitos legais, conquistas para minorias e, claro, o orgulho. Mesmo que você não se faça parte das siglas do grupo, sinta-se à vontade para vestir o arco-íris e participar das festividades como forma de apoio à comunidade.

4th of July

4 de julho



O Dia da Independência dos Estados Unidos é mais do que um feriado nacional: é um grande evento com fogos de artifício, desfiles, discursos políticos, celebração do tradicional estilo de vida americano... e festas. Vista a bandeira americana (seja em roupas, acessórios ou o que for), esquite o barbecue e divirta-se.

HALLOWEEN - 31 de outubro



Pelos filmes do Dia das Bruxas já dá para entender bem o espírito do evento. No Brasil a data não é muito comemorada, mas nos EUA, o Halloween é coisa séria. As casas ganham decorações fantasmagóricas, as lojas aumentam os estoques de doces e a criançada se diverte com o "trick or treat". Separe sua fantasia assustadora e curta mais essa data.

Thanksgiving

4ª quinta-feira de novembro

Sem data fixa, o Dia de Ação de Graças é o feriado criado especialmente para agradecer pelos bons acontecimentos. As famílias se reúnem para uma ceia com peru, recheada de gostosuras. O evento também é marcado por desfiles e os tradicionais jogos de futebol americano.



(REPRODUÇÃO / RICARDO ROCHA)

E viveram felizes para sempre...

A ex-au pair Ana Carolina Teixeira encontrou o amor da sua vida quando menos esperava. Conheça a sua história em uma matéria exclusiva para a **Nanny**





Ana Carolina Teixeira Jester colocou o vestido branco, véu e grinalda, subiu ao altar e disse seus votos em duas cerimônias de casamento. Ambas com o mesmo homem. Uma no Brasil e outra nos Estados Unidos da América. Ela não tinha planejado se casar em 2019, imagine duas vezes: “meus planos eram estudar o primeiro ano de geografia na Unesp, trancar a faculdade e passar um ano como au pair”. Mas já sabemos que não foi bem assim que aconteceu.

Ela deixou o calor do verão no país tropical, perto de sua família e amigos, para se deparar com o inverno rigoroso de temperaturas abaixo de zero, em Colorado Springs, CO. Sozinha em um país estranho, onde ela nunca sequer tinha ido, Ana Carolina não se deixou abalar e procurou formas de se sentir em casa. “A Igreja foi o primeiro lugar que procurei nos EUA, era onde me sentia familiarizada, porque era a mesma que eu frequentava no Brasil”, conta ela.

A religião sempre esteve muito presente na vida da paulistana e foi por meio dela que Ana Carolina encontrou o amor da sua vida e vive seu conto de fadas. Simples assim: “ele me convidou para ver um filme, aí jantamos no dia seguinte, depois saímos a semana inteira e não conseguimos mais parar”.

E foi seguindo assim que eles decidiram se casar, em uma decisão mútua após seis meses de namoro. Para alguns o tempo pode parecer curto, mas para os dois, de acordo com sua crença, religião e filosofia, foi perfeito.

À pedido do futuro marido, Ana Carolina escolheu o seu próprio anel de noivado, mas o pedido foi todo por ele. “Eu sabia que teria um pedido, mas não como e nem quando seria”, conta ela. Ele veio e foi muito mais do que ela esperava: “ele me levou ao parque, cobriu meus olhos com uma venda, colocou uma música brasileira e o pedido foi em português”.

O Au Pair

Ana Carolina saiu do interior de São Paulo diretamente para o aeroporto de Guarulhos e embarcou para os Estados Unidos na noite do dia 26 de dezembro de 2018, chegando à sua nova casa três dias depois por conta da orientação em Nova York. Com alguns contratemplos e a quebra de realidade, ela não terminou seu ano como au pair, mas a experiência deixou lembranças e aprendizados para toda a vida.

“O Au Pair foi algo muito bom e difícil ao mesmo tempo”, tenta explicar ela. O sentimento é compartilha-

do por muitas outras meninas, e é completa mente normal. O ambiente é

estranho, a casa tecnicamente não é sua e seu quarto não é seu: “não é fácil conviver com outra pessoa, outra cultura, outra família, outros costumes; você foi criada diferente, em um país diferente, quando você chega é tudo novo”. Mas, claro, essa é um pouco da ideia do programa.

Ela enxergou esses desafios como oportunidades de crescimento individual e exatamente o que ela precisava, nem mais e nem menos: “sou muito grata pelas experiências que tive, porque se não fosse por isso, não teria vindo para cá (eu não tinha dinheiro para vir de outra maneira), não teria conhecido meu marido, não teria falado inglês”.

Entre au pair e noiva

Ela conheceu seu marido graças ao programa, como já disse. Durante o período em que namoraram, Ana Carolina dividia seu tempo entre as crianças e Nathan, seu futuro marido, o quanto pôde, mas a vida aconteceu, algumas tensões dentro de casa aumentaram e então decidi-



NÓS
TEMOS UMA FILOSOFIA
SOBRE O AMOR: ELE É UMA
CONSTRUÇÃO, NÃO UMA COISA QUE
ACONTECE, ENTÃO NÃO EXISTE UM
TEMPO QUE VOCÊ TEM QUE NAMORAR
PARA SE CASAR, MAS SIM
UMA DECISÃO.

ram que era hora de dar fim ao match. “Seria melhor para o meu emocional”, ela diz. Então, por que esperar até o fim do ano para oficializar tudo? O timing foi bom, o casal mal podia esperar por isso.

De noiva a esposa

De acordo com Ana Carolina, se casar nos Estados Unidos é “a coisa mais fácil e barata do mundo: é só você ir ao cartório com seu Social Security Number, pagar uma taxa e assinar”.

Mas ela não poderia fazer isso logo de cara por conta das leis de imigração do país, o que explica as duas cerimônias: ela não poderia se casar no Brasil e em seguida voltar para os EUA, pois teria problemas com eu visto; e sua família não tinha o visto americano e não poderia presenciar este momento tão importante da sua vida.

“O meu maior sonho era que no dia que eu casasse eu teria que entrar com meu pai”, explica. Então a solução foi essa: “decidi fazer uma cerimônia fictícia no Brasil e a real aqui”.

Durante suas férias do Au Pair (afinal, seu visto e status ainda constavam como J-1), o futuro casal Jester chamou o bispo da Igreja de Ana Carolina, fez uma cerimônia para

receber a bênção pela união e aconteceu o casamento tão aguardado. Com direito a muita música, dança e pessoas queridas, a “cerimônia de mentirinha” foi uma grande festa.

Quando voltaram aos EUA, Ana Carolina e Nathan se casaram no templo da Igreja (desta vez de verdade, assinando todos os papéis necessários) e depois fizeram um evento menor, no quintal de sua casa com os familiares do noivo e alguns amigos do casal. Mas não de menor grandiosidade: “foi lindo, maravilhoso e simples”.

SOU MUITO GRATA
PELAS EXPERIÊNCIAS QUE
TIVE, PORQUE SE NÃO FOSSE
POR ISSO, NÃO TERIA VINDO PARA
CÁ, NÃO TERIA CONHECIDO MEU
MARIDO, NÃO TERIA FALADO
INGLÊS

Projeções para o futuro

O casal ainda é jovem, ainda estuda e tem a vida inteira pela frente. Em 2020 Nathan entrará na Força Aérea dos EUA, pois ele quer ser piloto. Já Ana Carolina não poderá terminar seu curso de geografia no Brasil, mas ela pretende fazer um curso de equivalência e depois “talvez eu entre em ciências políticas que é algo que gosto muito, ou talvez arqueologia”. E isso é importante, pois ela reforça que o casamento não entrará no caminho de sua vida acadêmica.

Esta é a história de Ana Carolina. E, como ela diz: “a gente nasce para seguir nossa vida”.





FAMÍLIA PERIGO!



Ir aos Estados Unidos como Au Pair pode ser o sonho de muitas, porém o pesadelo de outras. Há famílias que procuram trazer o melhor para esta experiência cultural, respeitando as regras do programa - e do bom convívio, porém há algumas exceções, como foi o caso de Jaci Szabo.

Aos 26 anos, Jaci embarcou no intercâmbio que acabou trazendo experiências longe de ser as ideais propostas nos flyers das empresas. Ela aceitou compartilhar com a Nanny como foi sua experiência, com o intuito de ajudar e alertar outras jovens que desejam ser au pairs. Confira o depoimento:

“ O pré-rematch

Há um ano eu não sou mais au pair, porque depois dessa primeira experiência, não preciso mais disso.

Fui aos Estados Unidos na idade limite com a agência Great Au Pair (GAP) e tudo estava indo bem até que, depois de dois meses e meio, meu primeiro host dad decidiu desistir, porque não gostou da agência e nem do programa. Ele deixou claro que o motivo para o fim do match não era nada relacionado a mim e a agência se dispôs a me ajudar a encontrar outra família.

Fiquei desesperada, porque a agência é pequena. Foram precisos três dias para ao menos me deixar online para novas famílias - dias que não tive de volta para encontrar outra casa*. Durante o rematch, mandei mensagem para todas as famílias da agência, mas nenhuma respondeu - até mesmo uma que morava a 15 minutos de mim, e nem minha LCC se dispôs a ajudar.

Faltando poucos dias para terminar o meu prazo de rematch, recebi um e-mail de outra LCC indicando uma família a qual pensei ser minha salvação. No mesmo dia a host mom me ligou e já na chamada eu senti que era cilada, mas era minha única opção. Eles já tinham uma au pair na casa e fiz um Skype com ela no dia seguinte. Era uma mexicana, que pareceu aliviada quando eu disse que iria aceitar.

Nikki (a host mom) pediu o contato do meu host dad, mas avisei que não daria sem antes ter a permissão dele. E, antes mesmo de eu falar com ele, recebi pedido de match. Assim mesmo: com dois dias de contato e apenas uma chamada telefônica.

Desci em Chicago, em Illinois, no dia 2 de março, em um frio horrível e ninguém foi me buscar, porque a Nikki disse que pagaria o transporte. Não consegui pedir um Uber, então peguei um táxi, afinal já estava dura de frio. Paguei mais de 100 dólares e

* Quando a au pair entra em rematch, ela tem até duas semanas para encontrar outra família, ou deve retornar a seu país de origem.

nunca mais vi a cor desse dinheiro.

A situação já começou difícil

No meu segundo dia na casa, as crianças já deram show no mercado e no carro, e ela (Nikki) começou a reclamar e dizer que não tem sorte com babás e que são todas ruins. Depois disso, era humilhação em cima de humilhação...

Eu trabalhava com medo. Quando ia chegando a hora de começar, eu começava a tremer. Fazia de tudo pra não esquecer nada, porque um prato fora do lugar era motivo para ela gritar comigo e me chamar de incompetente.

As crianças não ajudavam

As crianças eram difíceis, batiam no rosto da mãe e ela só dizia que iria deixar a kid na delegacia. Esse era o jeito dela de educar.

Eram quatro pessoas cuidando das kids (duas au pairs e duas nannies) em um trabalho 24/7.

Na primeira semana trabalhei 57 horas, ou seja, 12 a mais do estipulado pelas empresas. Eram quatro adultas responsáveis, mas nenhuma era respeitada.

Nikki até pagava hora extra, o que me fez aguentar mais já que todo dinheiro era bem-vindo e eu quase sempre trabalhava mais do que as 10 horas máximas no dia - mas no dia que perguntei como ela calculava as horas excedentes, ela

me fez trabalhar durante a madrugada. Eram 2h30 da manhã e eu estava limpando as janelas da casa, o carro, banheiros.

Ainda, eu dividia quarto com a mexicana (o que vai contra as regras do programa e eu deveria ter meu próprio quarto) e quando a agência veio em casa, a LCC viu e não fez nada, só disse que iria reportar a agência. Ficou por isso mesmo. Nikki queria me mudar para a laundry, que nem janela tinha e todo mundo entrava pra lavar roupa. Decidi não reclamar mais sobre o quarto, afinal, poderia ser pior.

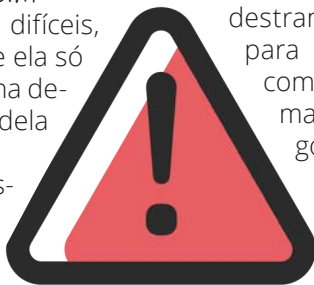
Últimos desentendimentos

Um dia ela me pediu para destrancar a porta da frente para a amiga dela entrar. Fiz como tinham me ensinado, mas quando a amiga chegou, não conseguiu entrar.

Por conta disso, Nikki ficou muito irritada, gritando comigo, de uma forma que até achei que ela iria me bater, não me deixou explicar, e pediu para mexicana olhar a porta. Ela voltou dizendo que estava aberta enquanto Nikki seguia gritando comigo coisas do tipo: "se alguém entrar aqui e matar a gente é culpa sua que não sabe nem usar a porta".

Eu nunca, nunca rebati, até porque ela não deixava. Se eu tentasse falar, ela gritava mais.

Passaram alguns dias e ela veio com notícia de que iriam viajar



para Flórida. Aproveitei a chance para bolar um plano de sair da casa quando ela estivesse fora. **Sim, eu iria fugir!**

A GAP sabia do que estava acontecendo e só pedia pra eu me esforçar mais. Vale lembrar que esta agência só dá direito a um rematch.

Tentei conversar com o escritório, afinal a primeira família saiu e não tive culpa e, na segunda família, eu dividia quarto e trabalhava mais do que 45 horas por semana. A LCC disse que ia ver se abria uma exceção para outro rematch, mas não deu em nada. Então, eu estava só esperando o momento para sair, juntando tudo que tinha.

A gota d'água

Por sorte minha ou azar, Nikki pediu rematch antes de viajar e as duas semanas antes da viagem seriam o meu prazo e eu sairia da casa - no dia que ela viajasse. Então, corri com meus documentos e mudei de status.

Cinco dias antes de sair da casa, ela me mandou uma mensagem, às 22h, finalmente ensinando como abrir a porta. Pensei durante cinco minutos se responderia. Depois que enviei a mensagem, ela desceu igual uma louca: gritou, me acusou de várias coisa absurdas, disse que eu não falava com ela quando chegava ou que não falava com as kids, o que claramente não era verdade. No final da discussão, ela me colocou pra fora de casa.

Eu estava lá há 3 meses, mas não tinha amigos. Minha salvação foram as duas meninas que conheci no grupo das au pairs, que se dispuseram a me ajudar.

Minha LCC estava fora do país e a substituta não me respondia. Ou seja, se Nikki quisesse que eu sásse dez horas da noite no frio de Chicago, não teria ninguém da agência ali pra me ajudar.

No dia seguinte, a agência conversou com a Nikki e ela me deixou ficar na casa até o final da semana - que seria o dia em que ela viajaria. Falei que não tinha como eu ficar ali e a Nikki concordou e até se dispôs a pagar meu hotel. No final ela pagou a semana e me deu um extra pra comer no aeroporto.

Me deu um abraço com os olhos cheios de lágrimas e se desculpou, dizendo que eu era uma boa pessoa, mas que as coisas não tinham funcionado pra gente. Eu quase chorei, porque é triste ver aquelas crianças ali pagando por ter uma mãe totalmente despreparada. ”

A moral da história

Podem existir famílias boas e famílias ruins, mas é preciso que a jovem esteja sempre segura no ambiente em que estiver.

Casos como o de Jaci são exceção, mas é preciso estar atenta. A segurança e saúde mental não podem ser deixadas de lado, nem que seja necessário voltar para casa para se preservar. E isso não é o fim do mundo.



O QUE VOCÊ PRECISA SABER ANTES DE TROCAR O VISTO J-1 PELO F-1

Au pairs que optam por continuar os estudos em solo americano precisam entender algumas regras para não cair em ciladas

São vários os tipos de vistos possíveis para ir aos Estados Unidos que vão de negócios a turismo. Não é incomum que as au pairs solicitem a troca do status ou optem por adquirir outros vistos para a permanência legal no país.

Depois do visto de turista (B-2), o queridinho das jovens que já terminaram o programa é o de estudante (F-1). Ele permite que a intercambista frequente um curso regular

no país (no caso das au pairs, as universities e colleges), sem quaisquer complicações com o governo. E, principalmente, tudo dentro das leis.

O básico

Primeiro é importante entender que dentro dos EUA só é possível fazer a troca de status, porque o visto pode apenas ser retirado em um consulado fora dos Estados Unidos. O visto é o que permite que a viajante

chegue até a fronteira do país, afinal quem decide se você pode entrar e ficar (ou não) são os oficiais da imigração. Já o status é uma categoria que valida o visto e prova sua legalidade só podendo ser aprovado com uma documentação requerida pela imigração.

Resumindo, o que vai permitir sua entrada, permanência e ditar suas pendências no país é o status, e não o visto.

Os primeiros passos

É importante ter certeza de que seu J-1 está válido antes de solicitar a troca - uma dica é que este pedido seja feito com certa antecedência (ao menos 3 meses), para evitar surpresas desagradáveis por conta de atrasos. Depois de checar este item da lista, é hora de escolher a instituição de ensino e já preparar o bolso, porque estudar nos EUA não é nada barato.

O visto tá OK e a você já escolheu onde vai estudar? Então, já entre em contato com a instituição para solicitar documentos e orientações.

Documentos e burocracias

Depois que a escola aceitar seu pedido, ela preencherá a documentação e você receberá o formulário I-20. Este documento já virá assinado e você precisa enviá-lo, por correio, para a imigração.

Depois disso, de duas, uma: ou seu pedido será recusado e você precisará sair dos Estados Unidos (quan-

do seu J-1 vencer, ou imediatamente se ele já estiver vencido), ou ele será aprovado.

Documento aprovado

Quando sua mudança de status for aprovada, você receberá a papelada em casa. Guarde bem estes documentos, porque são muito importantes dentro dos EUA - mais importantes do que seu passaporte.

Este documento será usado para sua permanência dentro do país.

Viagens e afins

Seu documento de troca de status só vale dentro do país. Caso você saia, vai precisar fazer outra entrevista no consulado americano e solicitar um novo visto para entrar nos Estados Unidos.

O FORMULÁRIO I-20

É o principal documento para validação do visto de estudante nos EUA. Para emitir este formulário, a instituição solicitará seu passaporte e a cópia de um extrato bancário recente (emitido nos últimos 60 dias).



(ARQUIVO PESSOAL / LEVKE LARSEN)

EXISTE VIDA PÓS-REMATCH

Levke Larsen passou por poucas e boas quando decidiu sair da Alemanha e ser au pair nos Estados Unidos, aos 18 anos. Longe de casa, tímida e sem saber o que a esperava, ela passou por dois *rematches*, três famílias, voltou para casa e sobreviveu para contar sua experiência.

Nanny: Vamos começar pelo começo. Como era sua vida antes do programa?

Levke Larsen: Eu já tinha decidido que ia fazer o programa depois de me formar no ensino médio, então tinha alguns meses com nada pra fazer entre minha graduação e ir aos Estados Unidos. Foi um período em que me senti bem perdida, porque não sabia o que queria fazer sobre o trabalho ou comigo mesma, no geral.

Nanny: Como você conheceu o programa?

Levke: Na Alemanha tem muitas feiras de trabalho na escola e essa foi a primeira vez que ouvi falar sobre essa opção. No primeiro momento, eu não tinha decidido nada, só sabia da possibilidade. Só depois de acabar a escola fui procurar na internet o que eu poderia fazer em um outro país. E foi assim que realmente descobri o programa.

Nanny: E por que você decidiu se aplicar a este programa especificamente?

Levke: Primeiro porque eu queria conhecer a vida americana de verdade, não apenas o que você vê do lado de fora. Queria conhecer a cultura e como as famílias funcionam lá. Ainda, gosto de trabalhar com crianças, ou seja, eu poderia me divertir enquanto trabalho e curtir meu tempo livre.

Nanny: Gostar de crianças é mesmo essencial para um programa como o Au Pair, mas para isso é preciso ter contato com elas. Como você juntou experiência para o programa?

Levke: Hm, é difícil explicar. Eu estava fazendo um trabalho voluntário em um volteio [*esporte de acrobacias em cima de um cavalo*]. Eu ensinava as crianças como tratar e cuidar de um cavalo, como se comportar para que o animal não se machuque e a trabalhar em equipe. Geralmente, as turmas tinham nove crianças, com idades entre 4 e 12 anos.

Outra coisa que me ajudou muito foi algo que fiz com minha família. Enquanto pais militares iam trabalhar durante as férias escolares, nós tomávamos conta dos seus filhos, fazendo atividades e artes com eles.

Nanny: Trabalhar com crianças parece mesmo ser a forma mais rápida de conseguir as horas comprovadas de experiência. Depois dessa parte, vem a difícil. Você poderia explicar como foram as entrevistas? Como você escolheu sua família?

Levke: No começo eu não tinha muitas famílias interessadas em mim. Marquei entrevista com cada uma que me mandou mensagem e cheguei a gostar de algumas, mas elas sempre escolhiam outra menina - na maioria das vezes, porque eu era mais nova.

A família que escolhi, na verdade, foi a primeira que me aceitou. A entrevista com eles foi muito boa, então me senti confortável de ir com eles. Ah, e como a host mom era metade alemã achei que seria mais fácil, me sentiria mais em casa.

Nanny: Ter o match é um grande alívio. Como você se preparou para sair da Alemanha e ir aos EUA?

Levke: A primeira coisa que tive que fazer foi aplicar para o visto J-1. Isso foi muito chato, porque o escritório fica em Berlim (a pelo menos 4h30 da minha casa), tive que viajar para lá e conseguir o visto também envolve esperar muito em filas. Muitas filas...

Depois disso, queria fazer tudo o que amava antes de ir, sair com meus amigos e familiares, dizer adeus.

De alguma forma parecia que era mais difícil para eles do que era para mim. Só quando cheguei no aeroporto que foi muito difícil.

Nanny: Parece que demora para cair a ficha de que estamos mesmo indo embora para ficar tanto tempo longe de casa. Mas chegando nos EUA, como foi a experiência com a primeira família? O que te fez ir em rematch?

Levke: Estava tudo bem, eles eram muito legais. Mas, como o pais trabalhavam muito, eu ficava sozinha na maior parte do tempo e tive que aprender tudo sozinha - o que não foi fácil, especialmente com três crianças de 6, 8 e 12 anos. Tive alguns problemas para me conectar com o mais novo, porque ele nunca queria sair do iPad e isso fazia eu me sentir inútil. Ainda, eu nunca tive meu *schedule*. Talvez com tempo isso poderia ter mudado...



MARQUEI ENTREVISTA COM CADA QUE ME MANDOU MENSAGEM (...) MAS ELAS SEMPRE ESCOLHIAM OUTRA MENINA - NA MAIORIA DAS VEZES, PORQUE EU ERA MAIS NOVA.



Mas, no fim, foi um acidente de carro que acabou com tudo - mesmo que não tenha sido minha culpa, porque eu estava parada no semáforo e outro carro bateu na minha traseira. O relacionamento entre mim e os pais entrou em declínio, a ponto

deles nem falarem mais comigo. Para ajudar nessa história, o seguro fez um grande escarcéu, porque a babá anterior também teve acidentes. A partir daí, foi horrível estar na casa.

Com sorte, fiz uma amiga incrível que passou a maior parte do meu tempo livre comigo até que a família e eu decidimos que seria melhor se eu saísse.

Eles chegaram a me perguntar se eu imaginava que as coisas poderiam melhorar de novo, porque eu “custava muito dinheiro” para eles. Foi aí que decidi que queria tentar de novo, em um lugar novo.

Nanny: Começar com o pé esquerdo nunca é fácil... Como foi começar tudo do zero?

Levke: Foi difícil. Escolher uma nova família parece impossível, porque eu não queria ter a mesma experiência que tive com a primeira. Eu não queria ter uma “lua de mel” e depois viver em um inferno.

Tudo aconteceu muito rápido e mais cedo do que eu esperava, já estava em Seattle, em Washington, na outra costa do país. E foi uma experiência completamente nova desde o começo.

Eles realmente me ensinaram tudo do jeito que queriam que fosse e também me deram abertura para fazer as coisas do meu jeito. Eles eram muito muito legais.

Ainda assim, as duas primeiras semanas foram difíceis, porque eu não tinha amigos, ainda tinha que descobrir como as crianças reagiam

para cada situação e todo resto.

Esses primeiros dias são muito solitários, mas minha nova host mom fez o melhor que pôde me fazer sentir confortável, então ficamos muito próximas em um período curto. E, quando fiz uma amizade, foi incrível. Lembro que eu e minha família real, na Alemanha, nem conversamos por duas semanas, porque eu não sentia tanto a falta deles.

Eu ainda sinto falta dessa família de Seattle, a criança de quem tomei conta se tornou o meu **irmãozinho**, eu realmente amo ele.

Nanny: Deve ter sido difícil finalmente achar que encontrou seu lugar e ter que partir. Você poderia contar um



(ARQUIVO PESSOAL / LEVKE LARSEN)

pouco sobre o que aconteceu e como você se sentiu por entrar em rematch de novo?

Levke: Minha host mom de Seattle trabalhava com o FBI - eu não sei de muita coisa, e o que sei não posso contar - e ela perdeu o emprego. Seu contrato dizia que ela não poderia arrumar outro emprego por pelo menos um ano, o que significou que eles não teriam dinheiro para me manter. Isso partiu meu coração, porque eu sabia que ia ser muito difícil encontrar uma família como essa.

Eu não queria entrar em rematch de novo, mas minha host mom me garantiu que eu poderia voltar para eles depois que meu primeiro ano como au pair acabasse.

Eles me disseram que eu sempre poderia voltar mesmo se eu quisesse ir pra faculdade lá e nem trabalhar pra eles, eu sempre teria meu quarto.

Então decidi encontrar uma boa família para o resto de 2019 e, depois, voltar para eles.

Nanny: Você realmente parecia ter se apegado muito a esta família. Mas se decidiu que poderia voltar com eles depois, por que voltou para casa?

Levke: Simples: a nova família me tratava como lixo. Eles não respeitavam minhas horas de trabalho (ele saía de casa antes e chegavam atrasados) ou minha privacidade, eles me insultaram na minha cara e não se importaram como eu me sentia.

As crianças (no total eram 5, mas eu cuidava das de 3 e 5 anos)

ainda falavam como bebês e eu não conseguia entender o que eles precisavam. Além disso, eles estavam acostumados a ter tudo o que eles queriam sempre que socavam ou chutavam, batiam, puxava meu cabelo, meus óculos e gritavam.



EM UM MOMENTO, MEU CORPO COMEÇOU A REAGIR A TODO ESSE ESTRESSE ME DANDO DORES DE CABEÇA CONSTANTES E SANGRAMENTOS NO NARIZ. FOI AÍ QUE DECIDI QUE ERA HORA DE PARAR.



A pior parte foi quando contei isso para os pais, e eles simplesmente disseram que é assim que as crianças são. Eles sequer tentaram me ajudar.

Uma das crianças mais velhas, com quem eu dividia o banheiro, me trancava pra fora durante a noite ou passava uma hora no chuveiro, cantando alto às dez horas da noite. Quando eu tentava falar com os pais, eles sempre me culpavam e questionavam a minha capacidade.

Eles basicamente mentiram sobre tudo para mim. Me prometeram um carro (é impossível ir pra qualquer lugar sem um em New Jersey) e um telefone, mas nenhum dos dois aconteceu, e minha LCC não ajudou na comunicação com a família. Em um momento, meu corpo come-

çou a reagir a todo esse estresse me dando dores de cabeça constantes e sangramentos no nariz. Foi aí que decidi que era hora de parar.

Nanny: E agora, como está sua vida de volta na Alemanha?

Levke: Quando voltei, tudo era completamente diferente! Eu tinha mudado muito e tinha dificuldade de me sentir confortável com meus amigos antigos, e também estava muito ocupada trabalhando e ajudando minha família em casa. Mas depois de um mês, voltei a ser eu mesma. Mas sinto que alguma coisa mudou.

Hoje em dia vejo que tenho mais disciplina e confiança, acho mais fácil fazer amigos e me tornei muito mais aberta. Também descobri que quero ter um trabalho que faça a di-

ferença, não só grampear papéis ou alguma coisa assim.

Agora sei que posso amar qualquer lugar, desde que tenha amigos por lá. Eu também aprendi que devo ter mais certeza das minhas opiniões, mesmo que as pessoas possam não gostar delas.

Em casa, eu quase imediatamente comecei aplicar para faculdade, o que ainda era mais difícil pra mim.

A América me mudou muito: todo o meu caráter e o jeito que lido com os problemas. Mas a “minha Alemanha” se manteve do mesmo jeito, os mesmos problemas, as mesmas situações. Sinto que preciso começar alguma coisa nova e finalmente ser a pessoa que descobri que posso ser lá (nos EUA), e isso me mudou muito.



LEVKE (À ESQUERDA) E SUA FAMÍLIA NA ALEMANHA (ARQUIVO PESSOAL / LEVKE LARSEN)

Saia da rotina

Veja atividades diferentes para fazer com toddlers

Nos primeiros anos de vida, o tempo livre das crianças precisa ser dividido com os horários de soneca, mamadeira e lanchinhos - sem contar as trocas de fralda - numa rotina bem disciplinada.

Entre 1 e 2 anos (idade conhecida como toddler, em inglês) o bebê está em uma fase crucial de aprendizados para seu crescimento saudável. Por isso, atividades que desenvolvem o cognitivo dos toddlers são essenciais.



Ler livros

Livros com rimas e coloridos são uma ótima maneira de auxiliar o pequeno a dizer as primeiras palavras. Leia o mesmo livro mais de uma vez todos os dias, assim a criança também conseguirá associar palavras com imagens.

Ensine a contar

Sempre que houver algo em quantidade, conte lentamente o número de objetos, com ênfase nos sons, para que seu hostinho consiga reproduzi-los.



Coloque músicas

Seja a “Old McDonald”, “The Wheels on the Bus” ou “The Itsy Bitsy Spider”, além de acalmar as crianças e fazê-las dançar, músicas infantis também podem ajudar no desenvolvimento da fala e reconhecimento de palavras.

Barulho dos animais

Muitos brinquedos reproduzem o som de animais, mas também é importante imitá-los para que a associação de palavra e som seja mais clara.



Leve as crianças para fora

Nenhuma experiência é melhor do que deixar as crianças correrem no jardim de casa - com supervisão atenta, claro. Apontar para plantas e animais, estimular a brincar no playground e socializar com outras crianças com certeza ajudarão no crescimento.



**THE FIRST STEP
TOWARDS GETTING
SOMEWHERE IS TO
DECIDE THAT YOU ARE
NOT GOING TO STAY
WHERE YOU ARE.**



CUIDAR DE SI MESMA NÃO É BRINCADEIRA

Para ser uma au pair é preciso ter um cuidado redobrado com a saúde mental, por conta das rotinas puxadas e da adaptação na nova casa



Mudar de país, fugir da rotina e ser responsável por crianças - o que muitas vezes é uma tarefa difícil e desgastante em si - são coisas que irão te testar um pouco, todos os dias.

Cada vez mais comuns na vida moderna, os transtornos psicológicos atingem uma a cada três pessoas no mundo e não são brincadeira, eles precisam ser levados muito a sério, e Viviane Miranda entende isso hoje. Quando ela decidiu aplicar para o programa na idade limite de participação, o receio por não conseguir um match a tempo e perder o prazo e o dinheiro investidos a fizeram tomar uma decisão que só depois se mostrou imprudente.

A vida pré-au pair

“Eu já tinha visitado os EUA quatro vezes antes de ser au pair”, conta ela sobre seu primeiro contato com o país. Buscando uma forma de conhecer a cultura por dentro e viver o tão desejado sonho americano sem precisar se endividar com o banco, Viviane pesquisou programas de intercâmbio e se deparou com o Au Pair: “achei que sendo uma au pair eu poderia estudar lá, poderia ser legal no meu currículo ter uma universidade americana e, quem sabe, até traba-

lhar por lá depois”. Porém, a realidade foi um pouco mais dura.

Cuidar de crianças nunca foi seu forte, mas a sensação da liberdade que o programa poderia trazer era irresistível demais para ser deixada de lado. A única coisa que a separava deste sonho era isso, então por que não tentar?

Viviane foi diagnosticada com ansiedade e depressão, e tomava remédios controlados por dois anos, até que sua psiquiatra concluiu que seu quadro era estável e ela poderia deixar a medicação de lado sem problemas. “Eu tinha até dado uma pausa com minha psicóloga e estava relativamente bem”, completa a

carioca que se mudou para São Paulo seis meses antes de ingressar no programa.

A omissão

Ter uma rotina, um trabalho fixo e mais liberdade na nova casa fizeram que ela se sentisse confiante o bastante para embarcar na aventura do Au Pair. Então, ela tomou a decisão de omitir esta parte do seu application, afinal tudo parecia bem, certo?

Errado. “Quando cheguei nos EUA perdi tudo isso”, conta ela sobre o baque da nova fase que a aguardava. Estar longe de casa, sem os remé-

ACHEI
QUE SENDO UMA AU
PAIR EU PODERIA ESTUDAR
LÁ. PODERIA SER LEGAL NO MEU
CURRÍCULO TER UMA UNIVERSIDADE
AMERICANA E, QUEM SABE,
ATÉ TRABALHAR POR LÁ
DEPOIS

dios e com a pressão do programa foram coisas que ela não podia esperar: “Fiquei sem chão e isso foi decisivo”.

Em novas terras... solitárias

Assim que chegou aos EUA, Viviane já estranhou o ambiente, mas a animação e expectativa fizeram com que ela ignorasse este primeiro empecilho. E então as coisas começaram a acumular em sua cabeça.

Quando ela chegou em sua nova casa, já era véspera de ano novo e “foi a primeira vez que tive um momento mais ‘deprê’, porque foi quando me senti muito sozinha”. Esta era uma data que ela sempre passou rodeada por sua família e amigos, e estar em um ambiente novo não foi fácil, trazendo a sensação de estar deslocada e uma quebra de expectativa. “Quando deu meia-noite, eles [a família] estavam vendo a Times Square na TV e eu estava muito triste. Fui para o meu quarto e comecei a chorar”, conta ela. “Esse foi meu Ano Novo”.

A pior parte é que o sentimento de solidão não se foi no dia seguinte e nem depois, porque durante a maior parte do tempo ela ficava muito sozinha em casa já que os pais

trabalhavam e as crianças iam para a aula.

Problemas de adaptação

Ela morava em um lugar afastado do metrô e tinha o curfew às 21h, então “eu não podia sair durante a semana, porque qualquer coisa que eu poderia fazer seria em [Washington] D.C., e isso era pelo menos uma hora para ir e uma para voltar, ou seja, duas horas só de deslocamento” e ela não tinha o carro na maior parte do tempo: “me senti muito presa, e isso piorou um pouco meus sintomas de ansiedade e de pânico”. Os fins de semana pareciam nunca chegar.

Viviane morou em Alexandria, na Virgínia, por pouco mais de um mês com uma família que já tinha tido outras duas au pairs brasileiras - ambas estenderam o programa para permanecer dois anos com a mesma família - o que foi um problema. “Ela [a au pair anterior] era muito rigorosa (...), sempre chamava a atenção, gritava, e eu não sou assim”, explica a carioca”. Achei que tinha que ser como ela para as crianças me respeitarem, e me impor muito foi difícil”, completa.

A au pair anterior era autoritária, a casa estava sempre vazia e os remédios não estavam por perto.



Todos esses gatilhos somados não poderiam ter outro resultado e ela desenvolveu paranóias causadas por sua síndrome do pânico: “Eu achava que eles iam me prender em casa, pegariam meu passaporte e que eu não conseguiria voltar para o Brasil. Não tava normal”.

Luz no fim do túnel

Então, ela decidiu retomar as sessões de terapia com sua psicóloga do Brasil por meio de mensagens de texto e ligações: “isso minimizou minhas crises, ela foi uma das pessoas que me tranquilizou e falou ‘não tem nada que te impeça de voltar para o Brasil’”. Mas no começo, Viviane estava muito relutante com a ideia, por conta das coisas que abriu mão para alcançar este sonho. “Eu pensava ‘Não é para eu voltar, preciso esperar um pouco’”, explica ela.

Enfim, ela ouviu a voz da razão e finalmente colocou sua saúde mental em primeiro plano.

No fim das contas

A conversa com a família foi bem difícil, afinal ela nunca deu sinais de que estava passando por um momento delicado. “Só depois de alguns dias que eles aceitaram um pouco mais, principalmente a host mom,

que foi mais tranquila e me tratou melhor, tentando deixar a casa com um clima melhor”, conta ela. O host dad já não foi bem assim. Ele, que era muito mais próximo de Viviane e estava sempre de bom humor foi mais resistente e reativo: “quando ela [a host mom] disse que me daria carona ao aeroporto, ele disse que não precisava, porque era minha escolha voltar”.

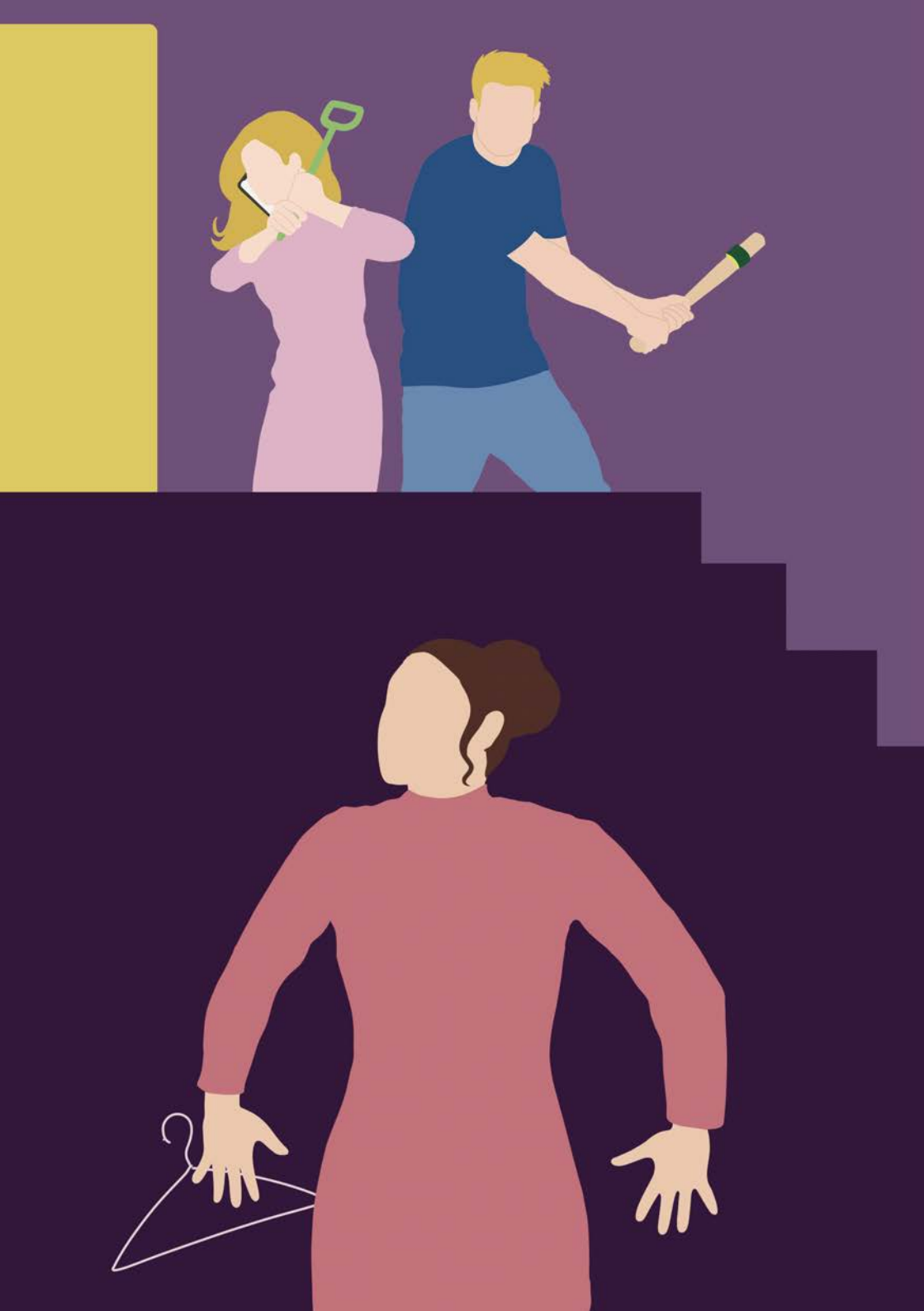
Mas, no fim das contas a família fez uma pequena festa de despedida e o clima ficou mais leve. “As coisas terminaram bem”, afirma Viviane. “A host mom chegou a me mandar mensagens para saber se eu estava bem”, completa.

No fim, Viviane admite que tomou decisões precipitadas e imprudentes. “Deveria ter pesquisado mais, visto outras famílias”, conta ela sobre a pressa por conseguir um match. Aquela foi a quarta família com a qual ela entrou em contato, mas a primeira com a qual ela conversou com as au pairs anteriores.

“Eu não deveria ter aceitado uma família com três crianças, tão afastada de tudo. Se eu tivesse sido mais paciente ou madura, as coisas poderiam ter terminado diferentes e, quem sabe, eu teria terminado o programa e até estendido”, explica.

“Eu fui muito apressada e isso foi um erro”, completa Viviane.

EU
ACHAVA QUE ELAS
IAM ME PRENDER EM CASA,
PEGARIAM MEU PASSAPORTE
E QUE EU NÃO CONSEGUIRIA
VOLTAR PARA O BRASIL.
NÃO TAVA NORMAL



O dia em que achei que ia morrer

Minha relação com a host family sempre foi muito boa tanto durante o horário de trabalho quanto enquanto estava off. Nunca tive curfew, passava os fins de semana fora com meus amigos, quase não parava em casa e nunca precisava dizer para onde ia. Lá em casa só tinha uma regra: avise se vai dormir fora.

Nos dias de semana, eu não costumava sair muito por conta da minha jornada de trabalho longa e cansativa: era eu e os bebês gêmeos correndo para lá e para cá o dia inteiro - isso quando um dos dois meninos mais velhos não estava em casa. Então, minhas fugidas à noite se resumiam aos treinos de rugby às segundas e quartas, chegando em casa quando todos já estavam na cama. Eu chegava tarde, entrava pela porta principal e seguia para meu quarto no porão, e até aí tudo bem, nenhuma matemática muito complexa. Quer dizer, não era até minha chave ter problemas com a fechadura.

Por alguma razão desconhecida por mim e meros mortais, minha chave de casa começou a emperrar na porta da entrada principal, então pedi que a família deixasse a porta destrancada para mim. Como morávamos em um bairro tranquilo, meu problema estava resolvido.

Eis que em um fim de semana eu ia viajar com minhas amigas para Atlantic City, que ficava a três

horas de nossa cidade. Querendo evitar gastos para fazer uma viagem que coubesse em nosso au pair budget sairíamos no sábado de manhã e voltaríamos no domingo mais tarde. Avisei para a família sobre o fim de semana fora.

Como minha sexta-feira estava livre, decidi encontrar algumas amigas em um bar. Me despedi da família e fui. Conversamos, dançamos, bebemos e por volta de 3 horas da manhã decidimos voltar para casa e descansar antes da viagem. Quando cheguei em casa, a porta estava trancada e minha chave se recusava a girar. Decidi entrar pelo porão, afinal todas as portas da casa tinham a mesma fechadura. A única parte incômoda e a razão por eu usar essa entrada raramente era a porta, que era mais pesada e arrastava no chão, fazendo muito barulho, mas não era o suficiente para acordar a casa.

Entrei, coloquei meu pijama e aproveitei para colocar algumas roupas na máquina de lavar na lavanderia que era logo ao lado do meu quarto, escondida pela escada. E nesse momento ouvi a porta que dava da cozinha para o porão abrir lentamente, rangendo alto e já me senti em um filme de terror - afinal, estava tarde e todos estavam na cama.

Então escuto:

- Quem está aí?

Era minha host mom. E, pelo

tom da sua voz, ela parecia tão assustada quanto eu. Então fiz silêncio, afinal, se tem algum ladrão na casa, prefiro que não me encontre e fique parada como uma estátua lá embaixo.

— Eu sei que tem alguém aí, já estou com a polícia no telefone! - ela gritava enquanto descia as escadas. Lentamente, cada passo dado e cada degrau descido rangia sob seus pés.

Eu, que não sou uma pessoa religiosa e nem piso em uma Igreja há alguns anos, já estava rezando todos os Pai Nossos e Ave Marias em português e inglês, esperando aquela coisa que todo o filme de terror mostra: uma invasão em uma casinha pacata no subúrbio. Já estava vendo os headlines e títulos de todas as histórias e filmes de terror que vi sobre isso.

Quando ela chegou no último degrau consegui ver o telefone na sua orelha, a outra mão segurando um pedaço de brinquedo de plástico das crianças e meu host dad logo atrás com o taco de baseball (revestido por esponja) do menino de quatro anos. Eles estavam indo na outra direção, para a sala, também no porão. Nessa hora pensei comigo mesma “eles estão preparados, e o máximo que eu tenho aqui é um cabide de lavanderia”. Decidi me juntar àquela dupla com suas “armas” ridículas e

improvisadas. A união faz a força, certo?

Encostei no ombro do meu host dad e sussurrei para ele:

— O que aconteceu?

Então tudo aconteceu: os dois se viraram para mim assustados e gritaram, me assustando e fazendo com que eu também soltasse meu grito, já achando que era nosso fim. Mas não era bem por aí...

— O que você está fazendo em casa? Você não ia viajar? - dizia minha host mom em meio a lágrimas e me abraçando desesperada.

Meu host dad respirava fundo ao nosso lado e eu também chorava, pensando que logo naquele dia a casa tinha sido invadida e era mesmo nosso fim. Então caiu a ficha.

Depois de desligar o telefone - ela de fato tinha discado o 911 (número da emergência nos EUA) -, tomar um copo d'água e nos acalmarmos tudo ficou claro. Achavam que eu estava viajando, ficaria fora pelo fim de semana a partir de sexta-feira e estranharam o barulho no andar de baixo.

É isso mesmo, não existia ladrão, espírito e nem sequestrador. Na verdade, quem estava fazendo o papel de um intruso na própria casa era eu.

Depois dessa, pedi para trocarem minha chave e nunca mais entrei pelo porão.





